

Ducha teria evitado o pior

O ácido sulfúrico provocou queimaduras de terceiro grau no rosto, tronco e braços de Simone Wagner porque o laboratório de Fisiologia Animal da UnB não tinha um chuveiro e uma lava-olhos de emergência até novembro do ano passado, quando ela sofreu o acidente. O dispositivo é uma ducha de alta pressão, com reservatório próprio. Em casos com esse, o esguicho forte de água separa o ácido da pele. Abranda a gravidade do ferimento.

“Eu poderia estar com uma queimadura mais leve, de segundo grau, mais fácil de tratar, se o laboratório tivesse este chuveiro”, conta Simone, vestida na máscara elástica de cor bege que cobre todo o seu rosto e o braço direito desde dezembro do ano passado. Ela faz tratamento no Hospital de Queimados de Goiânia. “A Universidade nunca me procurou para oferecer qualquer tipo de ajuda”.

A máscara mantém a pele esticada e evita as cicatrizes de tratamento mais difícil, as quelóides. Por sorte, Simone não perdeu a visão. O instinto fez com que fechasse os olhos na hora em que um colega derrubou acidentalmente o recipiente com ácido sulfúrico.

MUDANÇA DE PLANOS

Depois da queimadura, a bióloga recém-formada precisou adequar seus planos profissionais. “Querendo ou não, a máscara chama a atenção das pessoas. Aqui na UnB me sinto mais à vontade”, diz ela, que optou por investir seu tempo em um mestrado de Biologia. “Se trabalhasse em outros locais, o calor e a luz são contra-indicados para quem sofreu queimaduras.”

O vice-reitor Erico Weidler afirma que a UnB agiu corretamente com a aluna. “Ora, alguém derrama ácido no rosto e a universidade é culpada do quê? E se alguém se atirar embaixo de um caminhão no campus? Também é nossa culpa?”, questiona. “O que tínhamos de fazer, fizemos. Instalamos os chuveiros de emergência em todos os laboratórios. Desconheço qualquer pleito desta aluna no sentido de que a universidade a ajudasse”. (AJP)